

mais próximo da actividade pictórica, quando o pintor descreve paisagens diurnas ou nocturnas. Van Gogh não é inferior quando a palavra se faz, na sua pena, transparente ao seu apostolado juvenil, ou na paixão por um grande nome literário — um Shakespeare, um Balzac, um Michellet, um Daudet, em que encontra algum novo aspecto do homem. E há também os momentos românticos de um coração que desperta e consegue comunicar a ternura ou a revolta.

Com outro temperamento, sobretudo com outra vida, Van Gogh poderia ter sido escritor. Mas, escritor como um hábito quotidiano (desafogo de um coração oprimido, ilusão para um es-

tômago vazio) as cartas a Théo são, quase sempre, literariamente banais, ou nada têm a ver com o fenómeno literário.

Para alguém ou para além da tragédia de uma vida — que arrostou a do irmão —, os artistas e amadores da Arte encontrarão neste volume um tesouro de factos e de reflexões profundas que em larga medida explicam a génese da pintura de Van Gogh e ajudam a fixar-lhe a cronologia. Dispersos, misturados com gritos de revolta ou com a contabilidade doméstica, guardam-se nestas cartas pedaços de uma filosofia da Arte, e especialmente de uma revolução na Pintura. — *Luçio Coelho*.

GOMES, A., *Douro encantado*. Ed. Aster. Vol. de 156 ps. 120 × 186. Lisboa 1967.

Bastaria atentar nas publicações da colecção NAUTILUS, quer da série *Aventura e Ficção*, quer da *Cultural*, editadas pela ASTER para não denegar mérito a DOURO ENCANTADO. É que, na verdade, numa lista de trinta e um livros, é o único de autoria portuguesa.

Todavia, seria esse um argumento muito pouco convincente para valorar positivamente qualquer obra, e nesta há a louvar o poder suscitar, nas crianças, o gosto e o amor pelas coisas da sua terra.

Trata-se, com efeito, de literatura infantil, entre nós duma confrangedora pobreza e responsável — quem sabe? — pela vigente epidemia de estrangeiradas «histórias aos quadrinhos» incontestavelmente deformadoras, pelo menos quanto à língua.

A efabulação de Alice Gomes, na obra em causa, é sobejamente conhecida: visita dum pequenito brasileiro à sua família portuense que lhe proporciona o conhecimento da província a que, pelo sangue, está ligado. E, assim, traça um roteiro do Porto, evocando factos e lendas que os seus

monumentos e ruas fazem lembrar. Isto na primeira parte que reputamos melhor que a segunda.

Nesta, o pretexto para o conhecimento da província é uma viagem de avião oferecida a várias crianças, entre as quais as protagonistas. Ora é evidente que tal não tem foros de verosimilhança, atendendo à finalidade a atingir. A abonar o nosso ponto de vista assinalaremos, o facto de se admitir a possibilidade de as crianças, de avião, distinguirem, à soleira da porta, qualquer rendilheira de Vila do Conde.

Porém, como acontecera para a sua capital, a província surge agradavelmente apresentada nas suas belezas naturais e artísticas, na sua riqueza, no seu folclore. E a ideia de que tudo isto são factores importantes começará a formar-se na consciência das crianças.

Pena é termos assinalado, em obras destas, que um ou outro erro de ortografia passou, bem como construções sintácticas menos portuguesas. — *Virgínia de Carvalho Nunes*.

BOLLER, Freddy, *O Inferno dos Crocodilos*. Ed. Aster. Vol. de 262 ps. 145 × 215. Lisboa 1967.

A Editorial Aster acaba de enriquecer a sua Colecção «Aventura e Ciência» com uma obra apaixonante, escrita sobre um dos animais mais ter-

ríveis e detestados da terra.

«O Inferno dos Crocodilos» não é um livro de ficção, mas sim uma descrição exacta da realidade que por ve-

zes parece fruto da imaginação.

Freddy Boller, natural da Suíça, licenciado em Economia e empregado num Banco belga do Congo — resolve deixar esta vida pacata para se entregar de alma e coração a uma nova profissão cheia de riscos e aventuras — a caça do crocodilo. Neste livro encontramos, num estilo sóbrio e atraente, as suas memórias de caçador profissional numa aventura contínua e simultaneamente uma observação perspicaz da cena africana.

A África com as suas múltiplas facetas não constitui para o autor um mistério. Com conhecimento razoável do Continente africano oferece-nos descrições e comentários cheios de interesse e oportunidade.

«*O Inferno dos Crocodilos* reflecte um grande amor pela África misteriosa, humanamente tão rica, cujos valores naturais de toda a ordem urge respeitar e desenvolver». — A. J. Marques.

CLAUDE Robert — SAROT Louis, *Uma pedra no sapato*. Editora Livraria Apostolado da Imprensa. 1 vol de 177 ps. 185 x 125. Porto 1967.

Num mundo em que vivem tantos estropeados, vítimas da ferocidade humana ou conduzidos por desígnios providenciais — este livro — o diário dum paralisado de 16 anos — é uma onda de optimismo que vem alegrar todos os doentes em geral, pois para eles é possível levar uma vida sobrenatural digna e até realizar-se humanamente, dentro do plano divino.

O jovem Filipe Thimon, ao escrever o seu diário de poliomielítico, pensa no amor e em fundar um lar. Vai a Lurdes, cheio de fé e, sem

obter a cura do seu mal, encontrou a rapariga que o amava «pois se sentiu abalada pela alegria e serenidade que emanavam do rosto do doente». Encontrou o amor verdadeiro. «Amar não é olhar um para o outro, diz Saint-Exupéry, mas olhar juntamente na mesma direcção». Conclui: «o amor é a mais bela das aventuras, nunca acaba e recomeça sempre».

Livro esplêndido para todos os doentes ou frustrados. É um exemplo e uma lição. — A. dos Santos.

MARTINO Eutímio, *La Vida del Campo*. Edições Perficit. Vol. de 114 ps. 190 x 120. Salamanca 1967.

Antes da própria existência do homem, a terra produziu, desde o longo período da sua evolução, flores e frutos. ano após ano, sem desfalecer. O melhor dos frutos é, para o homem, a felicidade da vida campestre. O A. formou uma antologia poética, a exaltar a vida do campo, desde os longínquos tempos homéricos até aos nossos dias. Realmente, nesta colectânea, resalta, em frémios líricos, a felicidade

da vida do campo. Nesta época, em que muitos querem sair da terra dos seus maiores, é justo deter-nos um pouco, para retemperar o coração na beleza e silêncio do campo. As poesias vão da *Iliade* de Homero até ao surrealista de nossos dias, Vicente Aleixandre. Porque seleccionada, é escusado enaltecer a substância poética que encerram. — A. dos Santos.